

SANDER, Jardel. **Dança no Cotidiano das Cidades: poética-política dos corpos em movimento**. Florianópolis: UFSC. Belo Horizonte: UFMG. Poitiers (França): Université de Poitiers. UFMG; Professor Substituto. PUCMG; Professor Adjunto III. Dançarino e performer.

RESUMO

Este trabalho visa refletir sobre a relação da performance nos espaços urbanos entendida como poética-política do corpo em ato. Refere-se a pesquisas que o autor vem desenvolvendo desde 2010, com performances junto ao coletivo planoB (Florianópolis/SC); como docente da disciplina de Performance, no curso de Licenciatura em Dança da UFMG; e como parte de sua pesquisa de pós-doutorado. O eixo fundamental que conecta essas experiências é o da poética-política dos corpos nos centros urbanos, problematizados por meio da alternância gestual cotidiana e extracotidiana, e de suas possíveis micropolíticas disruptivas em nossa contemporaneidade. Nesse aspecto, utiliza-se a dança contemporânea, especificamente a técnica de contato improvisação, como ferramenta de intervenção urbana. Esta é experimentada por meio de percursos de improvisação nas cidades. São trabalhados três exemplos de intervenções urbanas: Florianópolis (SC), Belo Horizonte (MG) e Poitiers (França). Conclui-se pela potência da ferramenta do contato improvisação como operador micropolítico que interfere esteticamente no cotidiano da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Dança Contemporânea; Performance; Poética; Micropolítica; Espaços Urbanos

ABSTRACT

This work aims to reflect on the relationship of performance in urban spaces understood as the poetic-political of the body in action. It refers to author's researches developed since 2010, with performances among the collective planoB; as teacher of the discipline Performance to the UFMG Bachelor's Degree in Dance; and as part of his post-doctorate research. The fundamental axis connecting these experiences is the poetic-political of the bodies in urban centers, problematized through the everyday and non- everyday gestures, and its possible disruptive micropolitic in the present. In this respect, it uses contemporary dance, specifically the technique of contact improvisation as a tool of urban intervention. This is experienced through the paths of improvisation in the cities. It is used three examples of urban interventions: Florianópolis (SC), Belo Horizonte (MG) and Poitiers (France). The conclusion points to the contact improvisation potency as a micropolitical powerful tool operator, interfering aesthetically in everyday city life.

KEY-WORDS: Contemporary Dance; Performance; Poetics; Micropolitics; Urban Spaces

Corpos na Cidade

A importância que a esfera do privado vem tomando no tecido da cidade não só é visível, como também toma de assalto nossa dimensão sensível, nossa subjetivação. Em nossa contemporaneidade, os espaços públicos, os espaços urbanos, estas artérias pulsantes da cidade tem sido esvaziadas. Não de pessoas [1], mas de sentido. Cada vez mais, a ocupação dos centros urbanos tem sido marcada pelo trânsito, pela passagem, pela pressa. Os corpos, amiúde, riscam nas cidades trajetórias lineares de ponto-a-ponto.

Além disso, é importante ressaltar que, atualmente, a relação entre corpo, espaços públicos e expressão assume uma densidade própria – e uma atualidade perceptível – na medida em que compreendemos que o estágio atual de nossa “sociedade do espetáculo” (Debord, 2005) tem promovido uma crescente banalização dos corpos e dos espaços (e dos corpos *nos* espaços) a partir de uma hipereposição de imagens daqueles, desprovidas de um significado vivido. Esta problemática atinge diretamente o estatuto de política que pretendemos sustentar – como micropolítica, segundo a conceituação de Guattari e Rolnik (2005) –, buscando alternativas ao esvaziamento do seu conteúdo que temos frequentemente observado.

O que nos leva a perguntar sobre a poética e a política dos corpos na cidade vivida. Ou melhor: de que modo os corpos, no cotidiano urbano, produzem sentido? De que maneira eles se singularizam nas ruas da cidade? Como que esse espaço é vivido, sentido, significado? E de que modo podemos ampliar as modalidades do estar na rua através de uma poética do movimento e da dança?

É claro que as urgências da cidade são muitas, e dizem respeito à política. No entanto, é imprescindível que compreendamos “política” num sentido mais amplo, que extrapola a noção de representatividade – a política dos políticos, representantes eleitos – tocando a origem grega da palavra, que nos remete à polis, à cidade, à sua vida, e àquilo de Jacques Rancière (1996) discute como dissenso, ou seja, a discordância viva e irreduzível, a negociação das diferenças *in locu* nas cidades.

Como não pensar no corpo, ou melhor, nas corporeidades contemporâneas, quando pensamos na cidade? Este corpo que tem sido, amiúde, reduzido a uma imagética submetida a uma estética empobrecida, que define, platonicamente, seu modelo ideal a ser seguido. Os corpos, os corpos vividos e experimentados, isto é, as corporeidades precisam ser problematizadas, no intuito de resgatar a potência do movimento aquém e além da imagética corporal. E talvez seja a cotidianidade dos corpos que possa nos informar sobre possíveis rupturas micropolíticas.

Micropolíticas Disruptivas nas Sociedades de Controle

Os estudos sobre o corpo e sobre as corporeidades cotidianas nos espaços urbanos podem não somente nos possibilitar compreender os sujeitos em sua cotidianidade expressiva; mas, também, e mais profundamente, sua extracotidianidade, sua potência disruptiva, em ruptura com o estabelecido, transformando o já-dado.

O estudo sobre o corpo cotidiano nos permite partir das práticas corporais, e a elas retornar, de maneira renovada. Mesmo que isso não seja simples, sobretudo em nossa contemporaneidade. Afinal, a exposição do corpo pela mídia, atualmente, torna-o onipresente: o corpo nos ocupa. E quanto mais o exploramos imagetivamente, mais o tornamos superficial, nessa película bidimensional a ocupar nossos olhos, afastando-nos de sua potência: o devir do movimento.

A política atual que incide sobre as corporeidades é um mais novo estágio daquilo que Foucault (2005; 1990) chamou de biopolítica. Isto é: se sobre nós opera uma tecnologia de regulação – que, segundo Foucault (2005), vem se desenvolvendo pelo menos desde o século XVIII –, a novidade é que essa tecnologia atingiu tal ponto de refinamento que a regulação não passa mais necessariamente por controle externo, por uma agência

reguladora, por uma instituição materializada: o controle se interiorizou. É nesse sentido que Gilles Deleuze (1998), ao refletir sobre a obra foucaultiana, fala de nossa contemporaneidade como uma “sociedade de controle”[2] (Deleuze, 1992, p.219 e ss.). Essa interiorização do controle evidencia-se nas produções de subjetividade de nossas sociedades industrializadas que envolvem o corpo e sua imagética. Mas não só: a própria questão de nossa expressividade se encontra aí comprometida.

Percursos de Improvisação: poética-política do corpo em ato

Afinal, o que poderia o corpo ainda expressar, que não o fizesse rebater sobre o já estabelecido, fazendo-o servir de estandarte da sociedade de consumo? Como não viver este corpo-e-subjetividade como privado em meio a cidades, elas próprias, marcadamente privadas? Como construir um corpo que expresse a sua dissintonia?

A cidade é profundamente marcada pelas oposições, a começar pela de público e privado. Mas também as de interioridade e exterioridade. Dentro ou fora? Dentro e fora. Pois o centro da cidade, o espaço urbano é sempre *locus* de produção da vida pública, pois possui a dimensão do humano em todos os seus cantos e em sua produção simbólica. Também é aí que vivenciamos o espaço do conflito.

Por outro lado, o mundo privado – com suas cercas, controles, vigilância, contenção – propõe proteger-nos deste conflito que, por sua vez, é inelidível. É preciso, assim, tomar a cidade por seu movimento, pela forma como o espaço é apropriado, produzido e reproduzido, e não percebê-la apenas por meio de seus aspectos exteriores. Vivenciar a cidade, com suas cercas e muros, delírios de controle e segurança. Mas também com toda a sua potência de devir, toda sua profusão de imprevisto. Entender, enfim, que intervir nesse espaço é transformar sua vivência cotidiana. É tornar o gesto um problematizador poético da vivência do dia-a-dia.

Neste aspecto, podemos nos perguntar: e se poetizássemos o espaço urbano através de um movimento extra-cotidiano? E se dançássemos a rua, ao invés de apenas marchá-la? E se em vez da privação e da privatização dos espaços, apresentássemos a sua antítese, o movimento, a dança? E se em vez da evitação, apresentássemos o contato?

Passo, agora, ao relato de três experiências. A primeira, que creio ser muito potente, principalmente pela sua delicadeza, trata-se da dança de contato improvisação no centro de Florianópolis/SC.

Em de 2010, participei de experimentações de contato improvisação (CI) em Florianópolis, organizados pela dançarina Ana Alonso Krischke, e outros pesquisadores e interessados. Em 2011, viabilizamos levar o contato improvisação às ruas – lembrando-me do que já havia experimentado em Belo Horizonte, com o grupo de contato improvisação que se formou em torno ao Estúdio de Dudude Herrmann, quando dançávamos em praças daquela cidade.

A experiência de CI na rua é muito potente, pela capacidade de deslocamento da perspectiva sobre a cidade e sua ocupação, que provoca em quem dança; mas também para quem está na rua e vê/vivencia isso, podendo, de alguma forma ser afetado por essa dança, por essa movimentação e ocupação não cotidianas das praças, ruas e calçadas do centro.

É interessante perceber que em meu trabalho de pesquisa da movimentação nos centros urbanos das cidades, no qual tenho partido do gesto mais simples – o andar/caminhar nas cidades –, tenho percebido que estes gestos caracterizam-se, majoritariamente, por uma objetividade: faz-se tal movimento com tal objetivo. Por exemplo, o caminhar: caminha-se para se chegar a algum lugar. De modo semelhante, a ocupação do espaço não é de permanência, mas sim de passagem. Passa-se pelo centro, cruzam-se as ruas e calçadas. A vida segue. O corpo se move automaticamente pela cidade.

Com a dança, é possível experimentar outra modalidade do estar nas ruas. É como se uma micropercepção se abrisse aos corpos, permitindo-lhes vivenciar um espaço renovado. As calçadas, concretamente, continuam sendo as mesmas calçadas; mas, ao dançá-las, criamos, na renovada ocupação, outro espaço. Um espaço vivido, através da poética do corpo em dança.

É nesse aspecto que arte e política se encontram, no sentido de comporem uma micropolítica disruptiva, que rompe com o estabelecido, isto é, com a política que normalmente se impõe nas cidades contemporâneas, a saber: ocupação vigiada, movimentação objetiva, corporeidades imagéticas hiperepostas e esvaziadas de sentido.

As micropolíticas disruptivas, quando elas são possíveis, são justamente nesses intervalos do império da objetividade e da imagética hegemônica em nossas ocupações das cidades. É claro, não é só com a performance ou a dança que isso é possível. Nem mesmo só com as artes. Mas as artes são importantes dispositivos, para colocarmos e experimentarmos questões, que nem sempre encontram – nem precisam encontrar – respostas. Pois as micropolíticas são da ordem da experimentação.

Outro exemplo é oriundo de minha experiência como docente da disciplina de Performance, no curso de Licenciatura em Dança da UFMG. O trabalho que desenvolvemos na disciplina permitiu-nos perceber que a rua é um espaço em que se observa majoritariamente aceleração. No entanto, há espaços desacelerados – e estes tem muito a nos ensinar. Há também momentos lentificados – o sábado e o domingo, diferentemente dos dias da semana.

De todo modo, mesmo nestas searas desaceleradas, modos de ocupação diferenciados causam estranhamento. Parar em frente ao sinal de pedestres e ficar, e ficar, e ficar... “Mas o que você está fazendo? O sinal está aberto!” Caminhar em zigue-zague. Dançar na calçada.

A rua é um espaço – concretamente – aberto. Mas, simbolicamente, há várias barreiras – que, numa última análise, podem resultar em delimitações bem concretas, com a Guarda Municipal, com a PM.

Mas é interessante como isso não diz respeito só a nossa realidade – e aqui chegamos ao último exemplo, à terceira experiência. Em abril de 2012, o coletivo planoB foi convidado a participar do Festival Internacional Universitário de Dança – À Corps, organizado pela Université de Poitiers e pelo TAP. O festival acontece anualmente em Poitiers, na França. Para este festival levaríamos justamente nossa proposta de Percursos de Improvisação (Parcours d'Improvisation). No entanto, diante à impossibilidade de todo o

grupo ir, fui sozinho, com a incumbência de realizar a proposta com a participação de outros dançarinos. Primeiramente, contei com a parceria de Teresa Hunyadi, bailarina de contato improvisação de Viena (Áustria), que me ajudou a convidar outros acadêmicos e a efetivar a proposta.

Fizemos um percurso de improvisação no centro histórico da cidade de Poitiers, passando pela praça do mercado e pela catedral, adentrando as ruelas do centro, até chegarmos ao teatro (TAP). Cerca de 22 acadêmicos, de diferentes universidades da França e de outros países da Europa participaram.

O percurso mostrou que em Poitiers o movimento dos corpos-em-dança é estranhável, mas contagiante. De um modo geral havia uma curiosidade, e uma fome no olhar das pessoas, que se desviavam sensivelmente de seus cotidianos, para apreciar aquilo que acontecia.

No entanto, como forma de conclusão, é preciso pontuar que esta curiosidade não se traduz, necessariamente, em movimento. Há algo deste contágio – a dimensão que conduziria do ver ao mover – que ainda resta a ser pesquisada e experimentada. A poética-política dos corpos em movimento visa, enfim, a convocar movimentos disruptivos dos corpos nos espaços urbanos. É micropolítica (Guattari e Rolnik, 2005) feita da criação em ato na cidade. É improvisação. É contato. É o pequeno detalhe que muito provoca. É a dimensão do sensível. Nosso desafio.

NOTAS

1 Apesar de que se observe também o esvaziamento de algumas ruas, principalmente aquelas de bairros da classe média emergente. Caso paradigmático é o bairro do Belvedere, em Belo Horizonte/MG.

2 Este termo, “sociedade de controle”, Deleuze o toma emprestado de um livro (uma ficção futurista) de William Burroughs, *Expreso Nova*.

Referências

- DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. RJ: Contraponto, 2005.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. SP: Ed.34, 1992. (Coleção TRANS).
- FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade**. SP: Martins Fontes, 2005.
- _____. **História da Sexualidade – vol.1: A vontade de saber**. 10.ed. RJ: Graal, 1990.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 7. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2005.
- RANCIÈRE, Jacques. O Dissenso. In: Novaes, A. **A Crise da Razão**. SP: Companhia das Letras, 1996.